

O ECUMENISMO : Uma ótica protestante

Agemir de Carvalho Dias*

INTRODUÇÃO

Há um vácuo no que diz respeito ao estudo do Movimento Ecumênico e a sua relação com o Protestantismo Brasileiro, o que torna pertinente o seu estudo, pois o Movimento Ecumênico reuniu nomes importantes de teólogos e educadores como Rubem Alves, Carlos Rodrigues Brandão, Paulo Freire, Waldo Cesar, Jether Pereira Ramalho, Leonardo Boff, Zwinglio Dias, Sergio Haddad e outros. O Ecumenismo faz parte da história recente de nosso país e por isso deve ser estudado nas suas diversas relações e implicações.

Faço a ressalva de que o Movimento Ecumênico no Brasil reúne principalmente as igrejas históricas do protestantismo, tanto as igrejas de migração (Igreja Luterana-IECLB) como as de missão (Metodistas, Episcopais, Presbiterianas). Sendo assim, o fenômeno do ecumenismo no Brasil não reúne o universo protestante brasileiro como um todo, pelo contrário, é um movimento minoritário dentro do Protestantismo Brasileiro.

O estudo do ecumenismo e do seu significado para o Protestantismo Brasileiro é importante porque é um formulário teológico distinto da sua matriz original e esta é uma das hipóteses que pretendemos demonstrar: o ecumenismo no Brasil passou de um esforço de colaboração entre as igrejas para ser um agente histórico de transformação política e social no país. A partir de um determinado momento o Movimento Ecumênico no Brasil começa a se articular com outras correntes na sociedade como sindicatos, movimentos populares, educação popular, luta pelos direitos humanos e outros. O Movimento Ecumênico no Brasil construiu uma rede de pessoas e instituições que foram influenciadas pelas idéias e práticas pastorais desenvolvidas dentro do movimento, difundindo conceitos como responsabilidade social, educação popular, ecumenismo, prática social, participação política, agente de transformação, etc. Difundiu uma nova hermenêutica de leitura da Bíblia em que os

* Professor da FEPAR. Este texto foi apresentado no I Simpósio Internacional de Religião, Religiosidades e Cultura, promovido pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

conceitos das Ciências Sociais eram utilizados para entender o texto bíblico. Nesse sentido ele foi um divisor de mentalidade em um momento que o Brasil passava por um período histórico complexo.

A nossa análise procura mostrar como o Movimento Ecumênico repercutiu no Brasil primeiramente através das idéias de cooperação que vão ocorrendo junto às pequenas Igrejas instaladas no país e de como a busca da unidade entre elas procurou salvaguardar direitos que muitas vezes eram ameaçados, posteriormente pela criação da Confederação Evangélica no Brasil que foi o espaço onde o movimento ecumênico se desenvolveu até a década de 60 e que essa Confederação se desarticulou logo após o golpe militar de 1964, levando o Movimento Ecumênico a se rearticular através de organizações não governamentais. Mais recentemente novas organizações ecumênicas procurando reunir as Igrejas irão se formar como o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC) e a Associação Evangélica Brasileira (AEVB).

1. A Cooperação no Campo Missionário

O protestantismo em meados do séc XIX era professado por alguns estrangeiros que habitavam o Brasil. Nesse tempo o movimento missionário moderno estava em franco desenvolvimento com o envio de milhares de missionários para todas as partes do mundo.

Os primeiros missionários a aportarem no Brasil (1855) com o objetivo de estabelecer igrejas protestantes foram os congregacionais, com o missionário escocês Robert Reid Kalley que, juntamente com a sua esposa Sarah Kalley, fundou a Igreja Congregacional no Brasil.

Depois vieram as missões presbiterianas com Ashbel Green Simonton, que chegou ao Brasil em 1859 e, em 1862, organizou a primeira Igreja Presbiteriana no Rio de Janeiro. Os metodistas estabeleceram-se definitivamente em 1886, com os missionários Junius E. Newman, John J. Ranson, J. W. Koger e James L. Kennedy. Os batistas iniciaram o seu trabalho missionário no Brasil em 1881 com Willian Bagby e Zacarias Taylor. Em 1889 chegaram os missionários episcopais Lucien L. Kinsolving e James W. Morris, que depois

de um acordo com os presbiterianos se estabeleceram no Rio Grande do Sul, de onde se expandiram.

As missões protestantes no Brasil foram frutos do movimento avivalista e apesar do caráter denominacional se caracterizavam pela mesma ênfase teológica e metodológica dos avivalistas norte-americanos. Uma ênfase na conversão individual, que não estava associado a um compromisso específico com uma igreja ou denominação.

Os presbiterianos criaram algumas das primeiras instituições protestantes em nosso país. O primeiro jornal de propaganda protestante no Brasil, a *Imprensa Evangélica*, contou com a colaboração do missionário congregacional: Kalley. Também o primeiro seminário protestante no Brasil foi fundado por Simonton, que contou com a colaboração do Rev. Wagner da Igreja Alemã.

A primeira iniciativa de um projeto de cooperação entre os protestantes brasileiros foi a formação de um hospital evangélico em São Paulo. Em abril de 1890, reuniram-se alguns membros da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo, em um salão da Escola Americana, com um plano de se formar uma Sociedade Evangélica para a manutenção de um hospital. A comissão para angariar fundos ficou constituída pelo Dr. Horácio Lane, Rev. Eduardo Carlos Pereira, Manoel da Costa, Miss E. Kuhl e D. Maria Paes de Barros. O hospital projetado deveria ser interdenominacional, pois uma das razões alegadas para a construção do mesmo era o constrangimento pelos quais os evangélicos estavam sujeitos em outros hospitais de São Paulo. Assim, em 1894, é inaugurado o Hospital Samaritano de São Paulo, no bairro do Pacaembu. Outros hospitais evangélicos seriam organizados no Brasil inteiro. O Hospital Evangélico do Rio foi inaugurado em 1912. (THEMUDO LESSA, V., p358)

Ainda em 1890 é formada a Liga Evangélica, que tinha como objetivo defender os direitos dos protestantes assegurados pelas instituições republicanas, pois eram constantemente ameaçados. Themudo Lessa relata casos de abusos como violação da liberdade de culto e o impedimento do sepultamento em cemitérios que haviam sido secularizados pela República, como motivadores da formação da Liga. (THEMUDO LESSA, V., p 359).

Em 1892 foi organizada a primeira Associação Cristã de Moços no Brasil (ACM). Myron A. Clark fundou no Rio a ACM, da qual foi presidente o estudante de medicina Nicolau Soares do Couto, depois vieram as filiais de S. Paulo, Porto Alegre, Recife, Maranhão, Friburgo e Sorocaba.

Em 1902 é formada a Aliança Evangélica de São Paulo, com o objetivo de desenvolver a propaganda por meio de folhetos, de artigos de evangelização e de pregações ao ar livre. A Aliança Evangélica Brasileira foi constituída em 1903, foram eleitos Hugh C. Tucker, missionário metodista, presidente e F.P. Soren, pastor batista, como secretário. Objetivava a Aliança Evangélica a promoção do testemunho cristão e a cooperação entre as igrejas evangélicas brasileiras. Assim descreve Themudo Lessa a formação da Aliança Evangélica:

De 25 a 28 de julho reuniu-se em S. Paulo o Congresso Evangélico Brasileiro, convocado pela Aliança Evangélica de S. Paulo, por iniciativa do Rev. Dr. J.W.Tarboux. a sessão inaugural realizou-se na 1ª igreja com um auditorio calculado em 450 pessoas, pregando o Rev. Tarboux. Entre outros muitos ministros estiveram presentes às sessões o bispo Kinsolving, os Rev. Kyle e Gammon, F.F. soren, W.E. Entzminger, Z.C. Taylor, Antonio Marques, J.L. Kennedy, H.C.Tucker e E.C.Pereira.¹

Ainda em 1903 reuniu-se a primeira convenção geral das ACMs no Rio de Janeiro, presidiu a reunião inaugural o Rev. Trajano. Foi também um ano triste para os presbiterianos, pois na reunião do Sínodo deu-se o cisma com a formação da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB).

Em 1916 aconteceu o Congresso do Panamá, que entregou ao comitê de cooperação que tinha sido formado em Nova York em 1913, a tarefa de organizar os escritórios regionais, dentre os quais o do Brasil. Em 1916, logo após a Conferência do Panamá, aconteceu a Conferência Regional no Rio de Janeiro onde se traçou linhas gerais para o protestantismo brasileiro: (1) organização de escolas pelas igrejas nacionais; (2) sustento

¹[1] THEMUDO LESSA, V., p.654.

próprio; (3) a formação de uma universidade para se alcançar às classes mais educadas; (4) a formação de um Seminário Unido.

O escritório regional do Brasil chamou-se “Comissão Brasileira de Cooperação” (CBC), foi fundada em 1920 e reuniu as Igrejas Congregacional, Presbiteriana do Brasil, Presbiteriana Independente, Metodista e Episcopal, tendo como Secretário Executivo o Rev. Erasmo Braga, que também era secretário Executivo da Aliança Evangélica. Erasmo Braga dirigiu a CBC desde o início até sua morte, em 1932. Funcionava no mesmo prédio da União das Escolas Dominicais e da junta nacional das ACMs. A CBC chegou a reunir 19 entidades, entre igrejas, missões e organizações evangélicas cooperativas.

A CBC elaborou um cadastro atualizado dos pastores e igrejas em todo território nacional; manteve relacionamentos internacionais; produziu literatura para Escola Dominical; desenvolveu projetos missionários para os indígenas; relacionou-se com os movimentos sociais; fundou o Seminário Unido; criou a associação Umuarama em Campos do Jordão; publicou livros e enviou Erasmo Braga como representante à Conferência Missionária em Jerusalém do Conselho Missionário Internacional.

O público, fora das igrejas evangélicas, considera o nosso escritório como o centro do movimento evangélico do Brasil. O número de pessoas que ali buscam informações, pedem dados, buscam conselhos, já causa embaraços à regularidade dos nossos trabalhos.²

Em 1931, surgiu a Federação das Igrejas Evangélicas do Brasil reunindo as igrejas que já faziam parte da CBC, com o objetivo de se articular frente às iniciativas da Igreja Católica em se tornar igreja oficial do Estado. Em 1925 a Igreja Católica tentou passar uma emenda constitucional com esse propósito. No Governo Getúlio Vargas foi promulgado um decreto que permitiu o ensino religioso nas escolas públicas, bastava que vinte alunos requisitassem o mesmo. O decreto foi interpretado como sendo um primeiro passo para o fim do estado laico, defendido pelos protestantes no Brasil.

Depois da morte de Erasmo Braga, em 1934, as três principais organizações dos evangélicos no Brasil se fundiram e formaram a Confederação Evangélica do Brasil

^{2[2]} REILY, D. História Documental do Protestantismo no Brasil, p257, trecho do relatório de Erasmo Braga, biênio 1927-28.

(CEB), o seu primeiro secretário foi o Rev. Epaminondas Melo do Amaral, pastor da IPIB, amigo e admirador de Erasmo Braga e que se tornou um dos principais nomes do movimento unionista no Brasil. O seu livro *Magno Problema*, de 1934, foi publicado pelo Centro Brasileiro de Publicidade, nele Amaral faz uma pungente defesa da união orgânica das Igrejas.

2. Da Cooperação ao Conflito

O discurso da cooperação entre as igrejas era muito difundido entre as principais denominações protestantes no Brasil. O surgimento da Confederação Evangélica no Brasil (CEB), em 1934, foi o ápice das idéias de cooperação entre as igrejas evangélicas em nosso país. A CEB foi a principal instituição do mundo evangélico brasileiro.

Mas os esforços pela unidade e cooperação encontravam no sectarismo o seu maior inimigo, o sentimento denominacional dava uma identidade para os seus seguidores. Por isso que o Seminário Unido acabou fracassando. Braga sabia que a unidade se construiria com a formação de pastores com o sentimento da unidade, enquanto os defensores dos seminários denominacionais sabiam que no Seminário Unido estava o fim das suas instituições. O ideal unionista no Brasil estava cada vez mais enfraquecido, ainda sobrevivia um movimento de cooperação que pouco a pouco foi se afastando da realidade das igrejas.

A CEB se estruturou em diversos departamentos: de Literatura, de Mocidade, de Atividades Religiosas e Educativas, de Ação Social, de Imigração e Colonização. Da sua formação até o final da segunda Guerra Mundial a CEB desenvolveu o seu papel representando as igrejas perante o Governo Brasileiro; publicou revistas para a escola dominical usadas praticamente por todas as igrejas; preparou um *Hinário Evangélico* para ser usado por todas as denominações; e também, um *Manual de Liturgia*. (MENDONÇA, A. A IPI do Brasil e o Movimento Ecumênico, in Caderno de O Estandarte, 2003, p.46).

As primeiras dificuldades enfrentadas pela CEB se deram por causa de uma situação externa que foi a criação do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), de orientação ecumênica, e o seu opositor, o Concílio Internacional de Igrejas Cristãs (CIIC) de orientação fundamentalista. Enquanto que o CMI era fruto de toda uma caminhada em busca da

unidade que antecedia ao período das duas guerras mundiais, o CIIC era fruto da luta entre fundamentalistas e liberais nas Igrejas dos Estados Unidos. O contexto da guerra fria acirrou os ânimos, pois o CIIC de pronto assumiu a bandeira do anticomunismo e reconheceu como infiltração comunista todo pensamento que fizesse algum pronunciamento, ou ação de caráter social ou político que não fosse de cunho especificamente assistencialista. A disputa entre liberais e conservadores no período entre as guerras afetou mais diretamente a IPIB, com a formação de uma Igreja “Liberal” em São Paulo e a Igreja Presbiteriana Conservadora (IPC).

Para o historiador Émile Léonard , as questões relacionadas ao movimento ecumênico não eram conhecidas do protestantismo brasileiro, com exceção dos que militavam na UCEB (União Cristã dos Estudantes do Brasil), do pequeno grupo de liberais de São Paulo e das cúpulas da Igreja Metodista e Episcopal. O movimento ecumênico começou a ser ponto de discórdia no Brasil após CELA I, que se realizou em Buenos Aires, da visita de McIntire no Brasil e também da visita de um dos presidentes do CMI o Rev. Marc Boegner, todos esses acontecimentos ocorreram em 1949. O debate recrudescceu e a própria CEB foi alvo de acusações pelos grupos fundamentalistas, pois a mesma recebia financiamento do Conselho Missionário Internacional que trabalhava em colaboração estreita com o CMI. Estas acusações resultaram na retirada da adesão da Igreja Evangélica Fluminense da CEB, e na desconfiança de setores de algumas igrejas quanto ao conteúdo das lições de Escola Dominical.

A Assembléia do CMI em Evanston, em 1954, foi um marco na história do movimento ecumênico mundial com repercussão no Brasil. Em 1955 foi criado com apoio financeiro do Departamento de Igreja e Sociedade do CMI, a “Comissão Igreja e Sociedade”. Em fevereiro de 1955, essa comissão promoveu um primeiro encontro, que teve a participação de pastores e leigos de diversas denominações, com o tema “A Responsabilidade Social da Igreja”.

A “Comissão” decidiu se incorporar a CEB e foi criado o Setor de Responsabilidade Social da Igreja, Waldo Cesar foi escolhido como secretário Executivo desse setor. Mais três conferências foram realizadas. A segunda reunião de estudo aconteceu em Campinas, em 1957, com o tema “A igreja e as rápidas transformações sociais do Brasil”. A terceira

reunião foi em São Paulo e tratou da “presença da Igreja na evolução da nacionalidade”. A quarta reunião de estudos aconteceu em Recife, de 22 a 29 de julho de 1962, participaram 167 delegados de 16 estados brasileiros, representando 14 denominações, foi secretário executivo da conferência o Rev. Carlos Cunha e o Rev. Almir dos Santos era o presidente do Setor de Responsabilidade Social, teve como tema “Cristo e o processo revolucionário brasileiro” , a reunião ficou conhecida como “Conferência do Nordeste”. Foram palestrantes dessa reunião entre outros: Celso Furtado, Paul Singer, Gilberto Freire, João Dias de Araújo, Joaquim Beato, Almir dos Santos. Ainda contava entre os participantes alguns nomes que se tornaram importantes no mundo ecumênico brasileiro: Rubem Alves, Richard Shaull, Jether Ramalho, Aharon Sapsezian, Eber Ferrer, Gerson Meyer. Waldo César faz o seguinte comentário da Conferência do Nordeste e sua repercussão:

A evolução da temática que marcou as duas consultas nacionais que se seguiram – A Igrejas e as rápidas transformações sociais do Brasil” (1957) e “A presença da Igreja na evolução da nacionalidade”(1960) – culminou e terminou com a conferência do Nordeste, em 1962, cujo tema central, “Cristo e o processo revolucionário Brasileiro”, deu manchetes diárias nos jornais de Recife e nova crise na CEB.³

As conclusões da Conferência do Nordeste estabeleceram uma crise na CEB, que se agravou com o golpe militar de 1964 e que acabou com o esvaziamento da instituição até o seu completo colapso na década de 80.

Outra instituição que não sobreviveu ao golpe de 1964 foi a UCEB. A UCEB foi o braço da FUMEC (Federação Universal dos Movimentos Estudantis Cristãos) no Brasil. A UCEB foi formada em 1940 reunindo as UETCs (União de Estudantes para o Trabalho de Cristo) e as ACAs (Associação Cristã de Acadêmicos), em 1942 filiou-se à FUMEC.⁴

O Rev. Jorge César Mota atuou como assessor junto a UCEB durante a década de 40. Nesse período eram realizados acampamentos, encontros, atividades evangelísticas,

³[3] CESAR, Waldo. Um ecumenismo voltado para o mundo. Contexto pastoral, maio/junho de 1995, p 6.

⁴[4] CUNHA, Magali do Nascimento. Crise, esquecimento e memória. O Centro de Documentação e Informação e a construção da identidade do Protestantismo brasileiro. Dissertação de mestrado, Universidade do Rio de Janeiro, 1997,p.129.

serviços, discussões teológicas, congressos. Na década de 50 assessorou a UCEB o Rev. Richard Shaull.

Shaull causou um grande impacto no movimento estudantil protestante, que era um trabalho relativamente pequeno, mas dinâmico e crítico. Jovelino Ramos deu o seguinte testemunho a respeito do trabalho de Shaull na UCEB:

A área de atuação do Shaull que mais me cativou foi o trabalho com a União Cristã de Estudantes do Brasil. Na segunda parte da década de 1950 e durante toda a década de 1960 os estudantes eram um dos setores mais dinâmicos da vida política do Brasil. A União Cristã de Estudantes (UCEB) estava inserida naquela dinâmica. Como tal, ela organizava e provia um ambiente de apoio aos jovens acadêmicos de procedência protestante. A contribuição mais relevante da UCEB era a seriedade com que os acadêmicos, através dela, se relacionavam uns com os outros para buscar através da reflexão e da ação, a melhor maneira de expressar o seu compromisso de fé, como participantes nas reivindicações estudantis. Durante todo aquele período o Shaull era o profeta, o inspirador, o companheiro e (por que não dizer) o patriarca.⁵

Para Abumanssur a UCEB e a CEB deram o contexto e criaram a situação que originou a “Tribo Ecumênica”, um grupo de pessoas que articulavam o movimento ecumênico na década de 60 e 70, e que também se opunham ao regime militar instalado no Brasil pelo golpe de 1964.

O golpe militar de 64 acabou por decretar o seu fim levando seus membros a diferentes soluções para a crise, desde a desistência de qualquer militância até a um engajamento mais radical.⁶

3. As ONGs Ecumênicas – Um Novo Caminho

Com o golpe militar os espaços eclesiásticos se fecharam para aqueles que militavam no movimento ecumênico, agora rotulados de comunistas, modernistas e subversivos.

⁵ RAMOS, J. in De dentro do furacão – Richard Shaull e os primórdios da teologia da libertação, p. 30.

⁶ Abumanssur, E. A Tribo Ecumênica, p. 50.

Magali Cunha identifica como algumas das conseqüências desse processo de repressão e resistência: (1) apoio maior do CMI ao ecumenismo brasileiro; (2) estreitamento de laços com as missões dos Estados Unidos, e (3)- aproximação com setores da Igreja Católica. Uma outra conseqüência não listada por Magali Cunha foi a migração dos quadros do movimento ecumênico para outras atividades, sendo que a principal dela foi a atuação como docentes ou pesquisadores no mundo acadêmico.

A primeira organização a ser criada depois do golpe de 1964 foi o Centro Evangélico de Informação (CEI), que se transformou em Centro Ecumênico de Informação. Em 1965 saiu o primeiro boletim do CEI autofinanciado pelos seus participantes. Depois, o CEI conseguiu o apoio financeiro de um “Comitê Ad-hoc”, criado por Richard Shaul nos Estados Unidos. Também o CEI recebeu apoio financeiro de ISAL. O CEI se mostrou uma verdadeira usina de criatividade.

Em 1966, trinta pessoas de sete denominações protestantes vinculadas ao extinto setor de responsabilidade social da CEB criam o ISAL-Brasil, tendo como diretor Waldo Cesar, e como secretário executivo, Jether Ramalho. Em 1967, Waldo Cesar, foi preso pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), essa experiência foi vivida também por Zwinglio Dias em 1970, ambos por causa da sua atuação junto a ISAL e ao movimento ecumênico. O irmão de Zwinglio Dias, Ivan Motta Dias e o irmão de Jaime Wright, Paulo Wright, foram mortos pela repressão.

O Departamento de Imigração e Colonização da CEB, criou um departamento de serviço de refugiados para atender refugiados “da cortina de ferro” que eram atendidos pelo CMI no Brasil. O serviço criou um escritório em São Paulo para onde a CEB já estava transferindo suas atividades. Também foi criada a Comissão de Planejamento e Desenvolvimento de Projetos (CPDP) que tinha como objetivo carrear recursos internacionais de ajuda. A CEB, depois de 1965 praticamente se resumia a esses dois departamentos.

Um dos projetos financiados pelo CPDP era o projeto Gurupis, que se constituía em uma colônia de lavradores no Maranhão, assistida com a mais moderna tecnologia agrícola e que foi financiada pelas agências internacionais vinculadas as Igrejas Protestantes. O

projeto Gurupi fracassou, e foi designado para administrar a massa falida Enilson Rocha Souza.

Da reflexão sobre a experiência fracassada do projeto Gurupi é que nasceu uma outra ONG ecumênica que foi a CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviço). Em 1972, a partir do relatório de Enilson Souza, foi convocada, por dirigentes de diversas igrejas, uma consulta nacional sobre ajuda intereclesial, essa consulta contou com a presença da Igreja Católica. Dessa consulta surgiu a idéia de se criar uma nova estrutura que coordenasse a ajuda ecumênica. Em 1973 foi formada a CESE com um orçamento de oito mil e quinhentos dólares. Em 1974 a CESE assumiu diversos projetos mantidos pela CEB.⁷

Em 1974 o CEI se transformou no CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação) que desenvolveu diversos projetos ligados ao ecumenismo, meio ambiente, direitos humanos, sindicatos, povos indígenas, etc. O CEDI, em 1994 encerrou suas atividades dando lugar a três novas ONGs: Ação Educativa, Instituto Sócio Ambiental e Koinonia – Presença Ecumênica e Serviço.

Uma outra instituição que se somou ao movimento ecumênico foi o ISER (Instituto de Estudos da Religião), fundado em 1970. No princípio se chamou Instituto Superior de Estudos Teológicos (ISET), depois mudou para estudos da religião pois reuniu além de teólogos também sociólogos e antropólogos interessados no fenômeno religioso. Participaram da formação do ISER, Rubem Alves, Carlos Rodrigues Brandão, Rubem Cesar Fernandez, Waldo Cesar, Joaquim Beato.

Outras organizações ecumênicas foram criadas em âmbito regional com objetivos localizados, como a ASSINTEC (Associação Interconfessional de Educação em Curitiba) que coordena o ensino religioso nas Escolas Públicas do Paraná, e que por muitos anos articulou o diálogo ecumênico naquele Estado.

⁷www.cese.org.br

1. CONCLUSÃO

A partir de 1975 diversos encontros ocorreram entre os dirigentes de algumas igrejas protestantes no Brasil e a Igreja Católica. Em 1982 o CONIC foi fundado como uma associação fraterna de Igrejas. Estão filiadas sete Igrejas cristãs: Igreja Evangélica de Confissão Luterana, Igreja Episcopal, Igreja Metodista, Igreja Presbiteriana Unida (IPU), Igreja Cristã Reformada, Igreja Católica Ortodoxa Siriana e Igreja Católica Romana.

Em 1991, foi criada a Associação Evangélica Brasileira (AEVB) que procurou reunir os evangélicos brasileiros. Surgiu como uma reação a atuação dos deputados evangélicos na Constituinte de 1988 e posterior atuação dos mesmos no Congresso Brasileiro, onde se apresentavam como representantes das comunidades evangélicas. A AEVB diante da diversidade do mundo evangélico brasileiro resolveu se organizar como uma associação de pessoas físicas e jurídicas. Atualmente está associada à Aliança Evangélica Mundial, e é presidida pelo Rev. Key Yuasa, pastor da Igreja Hollines.

Waldo Cesar analisa da seguinte forma o atual momento do movimento ecumênico no Brasil:

Qual o resultado para o protestantismo brasileiro, desse oscilante movimento da busca e da prática da unidade, vítima tantas vezes de traições e ambigüidades de poderes seculares e religiosos? A atual configuração institucional do nosso ecumenismo conta com um corpo eclesiástico – o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic), fundado em 1982, ao qual pertencem sete igrejas nacionais, entre as quais, o que pode ser uma promissora novidade, a Igreja Católica-Romana. Em outra dimensão, mais dinâmica e mais próxima do pluralismo e da segmentada realidade do protestantismo, temos a Associação Evangélica Brasileira (AEVB), criada em 1991, com uma composição extremamente aberta tanto a igrejas quanto a instituições evangélicas e à afiliação individual, mais próxima portanto de um “ecumenismo de base” e assim relativizando talvez a tendência histórica de uma unidade ecumênica hierarquizada e de especialistas. E em termos continentais, o Conselho Latino- Americano de Igrejas (Clai), organizado em 1982, oferece uma diversidade incomum aos círculos ecumênicos nacionais.⁸

⁸ CESAR, Waldo. Um ecumenismo voltado para o mundo. Contexto pastoral, p 8.

2. REFERÊNCIAS

- ABUMANSUR, Edin Sued. *A Tribo Ecumênica . Um estudo do ecumenismo no Brasil nos anos 60 e 70*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1991
- _____. *Ecumenismo, Protestantismo e cidadania. Uma chave de leitura sobre a unidade das igrejas*. In, *Religião e Religiosidade*. Revista APG, Antonio Lacerda (org.), São Paulo, 1999, ano VIII, n° 19 – Especial.
- ALVES, Rubem. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática, Coleção Ensaios, 1979.
- _____. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1982.
- AMARAL, Epaminondas M. *Religião integral*. São Paulo: União Cultural Editora Ltda, s/d.
- _____. *Magno problema*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade, 1934.
- ARAÚJO, João Dias. *Inquisição sem fogueiras*. Rio de Janeiro: Iser, 1985.
- BRAGA, Erasmo. *Religião e cultura*. São Paulo: União cultural Editora, 1944.
- CESAR, Waldo. *Um ecumenismo voltado para o mundo. Esboço para uma história do ecumenismo no Brasil*. In. *Caminhos e Descaminhos da Unidade Evangélica*. Contexto Pastoral, 5 (26), Rio de Janeiro: Koinonia, mai/jun.1995.suplemento Debate.p.3-4.
- _____. *O contexto ecumênico no Brasil*. Não publicado.
- CONFERÊNCIA DO NORDESTE. Waldo Cesar, org. Rio de Janeiro: Editora Loqui Ltda, 1962
- CUNHA, Magali do Nascimento. *Crise, esquecimento e memória. O Centro de Documentação e Informação e a construção da identidade do Protestantismo brasileiro*. Dissertação de mestrado, Universidade do Rio de Janeiro, 1997.
- LEONARD, Émile G. *O Protestantismo brasileiro*. São Paulo: ASTE, 1963.
- LESSA, Vicente Themudo. *Annaes da 1ª Igreja Presbyteriana de São Paulo (1863-1903)*. São Paulo: Edição da 1ª Igreja Presbyteriana Independente de São Paulo, 1938.
- MENDONÇA, Antônio Gouveia. *O Celeste porvir – A inserção do Protestantismo no Brasil*, São Paulo: Paulinas, 1984.

_____. *Protestantes, pentecostais e ecumênicos. O campo religioso e seus personagens.* São Bernardo do Campo: 1997.

_____ e VELASQUES F^o, P. *Introdução ao protestantismo no Brasil.* São Paulo: Loyola e Ciências da Religião, 2002.

_____ *A IPI do Brasil e o movimento ecumênico.* In Caderno de O Estandarte, São Paulo, Janeiro de 2003.

REILY, Duncan A. *História documental do Protestantismo no Brasil.* São Paulo, ASTE, 1984.

SANTA ANA, Júlio. *Ecumenismo e libertação. Reflexões sobre a relação entre a unidade cristã e o Reino de Deus.* Petrópolis: Vozes, 1987.

SHAULL, Richard. *De dentro do furacão.* Rio de Janeiro: CEDI, 1985

_____ & CESAR, Waldo. *Pentecostalismo e futuro das Igrejas Cristãs. Promessas e desafios.* Petrópolis: Vozes, 1999.